

Milan Kundera
∞
A IMORTALIDADE

Romance

Tradução de
Miguel Serras Pereira

6.ª edição
revista



D. QUIXOTE

Primeira parte



O ROSTO



A senhora teria talvez sessenta, sessenta e cinco anos. Via-a da minha cadeira de repouso, reclinado diante da piscina de um clube de ginástica no último andar de um prédio moderno, de onde, através das grandes janelas envidraçadas, se vê Paris inteiro. Estava à espera do professor Avenarius, com quem de vez em quando me encontro aqui para discutirmos diversos assuntos. Mas o professor Avenarius não havia maneira de chegar e eu ia olhando para a senhora; sozinha na piscina, mergulhada até à cintura, ela fitava o jovem professor de natação que, em fato de treino, de pé acima dela, lhe dava a sua aula. Enquanto ouvia as instruções dele, a senhora apoiou-se ao bordo da piscina para inspirar e expirar fundo. Fê-lo com seriedade, com zelo, e era como se da profundidade das águas subisse a voz de uma velha locomotiva a vapor (essa voz idílica hoje esquecida, da qual não poderei dar uma ideia aos que não a conheceram a não ser comparando-a com a respiração de uma senhora idosa que inspira e expira apoiada ao bordo de uma piscina). Olhava-a, fascinado. A pungente comicidade dela cativava-me (e essa comicidade era notada também pelo professor de natação, uma vez que as comissuras dos seus lábios me pareciam estremecer a todo o instante), mas houve alguém que me dirigiu a palavra, desviando a minha atenção. Pouco depois, quando quis voltar a observá-la, a aula terminara. A senhora afastava-se em fato de banho ao longo da piscina e quando se encontrava a quatro ou cinco metros do professor de

natação, virou a cabeça na direção dele, sorriu-lhe, e fez-lhe um sinal com a mão. Fiquei com o coração apertado. Aquele sorriso, aquele gesto, eram de uma mulher de vinte anos! A mão como que voara com uma ligeireza encantadora. Como se, por brincadeira, ela atirasse ao amante um balão de muitas cores. O sorriso e o gesto eram cheios de sedução, ao passo que o rosto e o corpo já nada de sedutor tinham. Era a sedução de um gesto afogado na não-sedução do corpo. Mas a mulher, embora devesse saber que deixara de ser bela, esquecera-o nesse instante. Numa certa parte de nós mesmos, todos vivemos para além do tempo. Talvez só tomemos consciência da nossa idade em certos momentos excepcionais, permanecendo sem idade a maior parte do tempo. Em todo o caso, no momento em que se virou, sorriu e fez um sinal com a mão ao professor de natação (que, incapaz de se conter por mais tempo, rebentou a rir), a senhora nada sabia da sua idade. Graças a esse gesto, pelo espaço de um segundo, uma essência da sedução dela, não dependente do tempo, revelou-se e deslumbrou-me. Sentia-me estranhamente emocionado. E a palavra Agnès surgiu no meu espírito. Nunca conheci qualquer mulher com esse nome.



Estou na cama, mergulhado na doçura de um semissono. Às seis horas, depois do primeiro e leve despertar, estendo a mão para o pequeno transístor poisado perto da minha almofada e carrego no botão. Ouço as notícias da manhã, quase sem distinguir as palavras, e adormeço de novo, enquanto as frases que ouço se vão transformando em sonhos. É a fase mais bela do sono, o momento mais delicioso do dia: graças à rádio, saboreio os meus perpétuos despertares e adormecimentos, essa oscilação soberba entre a vigília e o sono, esse movimento que por si só me livra do desgosto de ter nascido. Sonharei ou estarei realmente na ópera, frente a dois atores vestidos de cavaleiros que cantam o boletim meteorológico? Como é possível que não cantem antes o amor? Depois, percebo que os dois são locutores; deixam de cantar, mas interrompem-se um ao outro, gracejando. «O dia será quente, tórrido, haverá trovoadas», diz o primeiro, ao qual o outro corta a palavra com um requebro: «Não é possível!» O primeiro responde no mesmo tom: «É sim, Bernard. Tenho muita pena, mas não posso fazer nada. Vamos lá, coragem!» Bernard ri e declara: «É o castigo dos nossos pecados.» E o primeiro: «Bernard, porque havia eu de sofrer pelos teus pecados?» Então Bernard ri com mais gosto ainda para indicar bem aos ouvintes qual o pecado em causa, e eu compreendo-o: há só uma coisa que todos nós desejamos, profundamente: que o mundo inteiro nos considere grandes pecadores! Que os nossos vícios sejam comparados

aos aguaceiros, às trovoadas, aos vendavais! Quando abrir hoje o guarda-chuva por cima da cabeça, cada francês deverá, por conseguinte, pensar no riso equívoco de Bernard e invejá-lo. Rodo o botão, na esperança de voltar a adormecer na companhia de imagens mais inesperadas. Na estação vizinha, uma voz de mulher anuncia que o dia será quente, tórrido, com trovoadas, e eu regozijo-me por termos em França tantas estações de rádio e por todas elas, no mesmo momento, dizerem a mesma coisa. O feliz casamento da uniformidade e da liberdade – poderá a humanidade desejar coisa melhor? Volto então à estação onde Bernard se vangloriava dos seus pecados; mas em vez dele, uma voz de homem entoava agora um hino ao último modelo da Renault, e a seguir o mesmo Bernard retoma a palavra. Imitando a melodia que chegou ao fim, ele informa-nos com uma voz cantante de que acaba de sair uma biografia de Hemingway, a centésima vigésima sétima, mas desta vez importantíssima, porque demonstra que durante toda a sua vida Hemingway não falou uma única vez verdade. Aumentou o número dos seus ferimentos de guerra, fingiu ser um grande sedutor quando está provado que em agosto de 1944, e depois a partir de julho de 1959, ficara completamente impotente. «Não é possível», diz a voz risonha do outro, e Bernard responde com um requebro: «É sim...», e eis-nos todos num palco de ópera, até mesmo Hemingway, o impotente, está lá conosco, após o que uma voz cheia de gravidade evoca um processo que no decurso das últimas semanas tem emocionado a França inteira: durante uma operação anódina, uma anestesia mal aplicada causou a morte de uma doente. Em consequência, a organização encarregada de defender os «consumidores», como nos chamam a todos, propõe-se de futuro fazer filmar todas as intervenções cirúrgicas, sendo os filmes guardados em arquivos. Tal seria, segundo a organização «de defesa dos consumidores», o meio de garantir a um francês morto sob o bisturi que a justiça o vingará devidamente. Volto depois a adormecer.

Quando acordei, eram já quase oito e meia; estava a imaginar Agnès. Tal como eu, ela está deitada numa grande cama. A metade direita da cama está vazia. Quem é o marido? Aparentemente,

alguém que sai cedo de casa aos sábados. É por isso que ela está sozinha e, deliciosamente, oscila entre o despertar e o devaneio.

Depois levanta-se. Em frente, sobre um pé alto, ergue-se um televisor. Agnès atira para longe a camisa de noite, que cai tapando o ecrã com o seu tecido branco. É a primeira vez que a vejo nua, Agnès, a heroína do meu romance. Está de pé junto à cama, é bonita, e não consigo tirar os olhos dela. Por fim, como se tivesse sentido o meu olhar, escapa-se para a divisão contígua e começa a vestir-se.

Quem é Agnès?

Tal como Eva saiu de uma costela de Adão, tal como Vénus nasceu da espuma, Agnès surgiu de um gesto da senhora sexagenária, que vi à beira da piscina fazendo com a mão um aceno ao professor de natação e cujas feições se vão dissipando já na minha memória. O seu gesto despertou então em mim uma imensa, uma incompreensível nostalgia, e essa nostalgia deu à luz a personagem a que dei o nome de Agnès.

Mas não se definirá o homem, e mais ainda uma personagem de romance, como um ser único e inimitável? Como é então possível que o gesto observado numa pessoa A, esse gesto que com ela formava um todo, que a caracterizava, que criava o seu encanto singular, seja ao mesmo tempo a essência de uma pessoa B e de todo o meu devaneio acerca dela? O caso exige reflexão:

Se o nosso planeta viu sucederem-se perto de oitenta mil milhões de seres humanos, é improvável que cada um deles tenha tido o seu próprio repertório de gestos. Trata-se de uma coisa aritmeticamente impensável. Não há dúvida que houve no mundo incomparavelmente menos gestos do que indivíduos. E isto leva-nos a uma conclusão chocante: um gesto é mais individual do que um indivíduo. Para o dizermos sob a forma de um provérbio: *muita gente, poucos gestos*.

Disse no primeiro capítulo, a propósito da senhora em fato de banho, que «pelo espaço de um segundo, uma essência da sedução dela, não dependente do tempo, revelou-se e deslumbrou-me». Sim, era o que eu então pensava, mas enganei-me. O gesto não revelou de maneira nenhuma uma essência da senhora, deveríamos antes dizer que a senhora me revelou a sedução de um gesto. Porque não

podemos considerar um gesto nem como propriedade de um indivíduo, nem como criação sua (ninguém tem o poder de criar um gesto próprio, inteiramente original e só seu), nem mesmo como seu instrumento; é o contrário que é verdade: são os gestos que se servem de nós; somos os seus instrumentos, as suas marionetas, as suas encarnações.

Agnès, tendo acabado de vestir-se, preparava-se para sair. No átrio de entrada, parou um instante à escuta. Um vago ruído na divisão contígua indicava que a sua filha acabava de se levantar. Como para evitar encontrar-se com ela, Agnès estugou o passo e apressou-se a sair do apartamento. No elevador, carregou no botão do rés do chão. Em vez de se pôr em movimento, o elevador estremeceu convulsivamente, como um homem atacado pela dança de S. Vito. Não era a primeira vez que os humores do aparelho a surpreendiam assim. O elevador ora subia quando ela queria descer, ora se recusava a abrir a porta, mantendo-a prisioneira durante meia hora. Como se quisesse encetar uma conversa, como se quisesse comunicar-lhe qualquer coisa de urgente com os seus frustes meios de animal mudo. Por várias vezes já, Agnès fizera queixa à porteira: mas esta, uma vez que o elevador se comportava corretamente com os outros locatários, não via no contencioso entre Agnès e ele mais do que um problema privado e não atribuía ao caso a menor atenção. Agnès teve de sair do elevador e descer a pé. Assim que ela o deixou, o aparelho acalmou-se e começou, por seu turno, a descer.

O sábado era o dia mais cansativo de toda a semana. Paul, o marido dela, saía antes das sete horas e almoçava com um amigo, enquanto ela aproveitava o dia livre para cumprir uma série de obrigações mais penosas do que o seu trabalho no escritório: ir ao correio, suportar meia hora de bicha, fazer compras no supermercado, discutir com uma vendedora, perder tempo diante da caixa, telefonar ao canalizador e suplicar-lhe que comparecesse a uma hora certa para não ter de ficar todo o dia à espera dele. Entre duas urgências, esforçava-se por arranjar um momento para a sauna, onde nunca tinha tempo de ir durante a semana, e passava o fim da tarde

a manejar o aspirador e o pano do pó porque a mulher a dias, que vinha às sextas-feiras, se descuidava cada vez mais.

Mas este sábado distinguia-se dos outros: era o quinto aniversário da morte do seu pai. Veio-lhe ao espírito uma cena: o pai está sentado, curvado sobre um monte de fotografias rasgadas, e a irmã de Agnès grita: «Porque é que estás a rasgar as fotografias da mamã?» Agnès toma a defesa do pai, e as duas irmãs discutem, tomadas de um ódio súbito.

Agnès meteu-se no carro estacionado em frente de casa.

Um elevador conduziu-a ao último andar de um prédio moderno, onde se instalara o clube, com sala de ginástica, piscina, pequeno tanque de água turbilhante, sauna e vista sobre Paris. No vestiário, os altifalantes despejavam música rock. Dez anos antes, na altura em que Agnès se inscrevera, os aderentes eram pouco numerosos e o ambiente tranquilo. Depois, de ano para ano, o clube foi melhorando: havia cada vez mais vidros, mais luzes, plantas artificiais, altifalantes, música, cada vez mais frequentadores também, e o número destes duplicou ainda no dia em que passaram a refletir-se nos imensos espelhos que a direção decidira instalar em todas as paredes da sala de ginástica.

Agnès abriu o seu cacifo e começou a despir-se. Duas mulheres tagarelavam ali perto. Com uma voz lenta e doce de contralto, uma delas queixava-se de um marido que deixava tudo no chão: os livros, as meias, até mesmo o cachimbo e os fósforos; a outra, um soprano, tinha um débito duas vezes mais rápido; a sua maneira francesa de subir uma oitava no final de cada frase evocava o cacarejar indignado de uma galinha: «Olha que me estás a desiludir! Que tristeza! Não é possível! Ele não pode fazer coisas dessas! Não é possível! Estás em tua casa! Tens os teus direitos!» A outra mulher, como que dilacerada entre uma amiga cuja autoridade reconhecia e um marido que amava, explicava melancolicamente: «O que é que queres? Ele é mesmo assim. Foi sempre assim. Sempre deixou tudo no chão. – Pois

então tem de parar com isso! Estás em tua casa! Tens os teus direitos! Eu nunca suportaria uma coisa dessas!»

Agnès não participava neste género de conversas: nunca dizia mal de Paul, embora soubesse que isso a afastava um pouco das outras mulheres. Virou a cabeça na direção da voz aguda: pertencia a uma rapariga muito nova de cabelos claros e rosto de anjo.

«Ah, isso não, de maneira nenhuma! Estás no teu direito! Não te deixes enrolar!» continuou o anjo, e Agnès reparou que as suas palavras eram acompanhadas de breves e rápidas sacudidelas de cabeça, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, enquanto os ombros e as sobrancelhas se levantavam como para manifestar um espanto indignado perante a ideia de que os direitos do homem da amiga podiam ser ignorados. Agnès conhecia aquele gesto: a sua filha Brigitte sacudia a cabeça exatamente do mesmo modo.

Depois de se despir, fechou o cacifo à chave e entrou pela porta de dois batentes para uma sala ladrilhada, onde ficavam, de um lado, os chuveiros, e, do outro, a porta envidraçada da sauna. Era aí que se encontravam as mulheres, apertando-se lado a lado nos bancos de madeira. Algumas de entre elas envergavam uma cobertura de plástico especial, que formava à volta do corpo (ou só de uma das suas partes, nomeadamente ventre e traseiro) uma espécie de invólucro hermético, provocando uma transpiração intensa e a esperança de um emagrecimento.

Agnès subiu para o mais alto dos bancos ainda disponíveis. Encostou-se à parede e fechou os olhos. O barulho da música não chegava até ali, mas as vozes sobrepostas das mulheres falando todas ao mesmo tempo ressoavam com igual intensidade. Entrou então uma jovem desconhecida que, logo ao transpor a porta, começou a dar ordens às outras: fez com que as fileiras se cerrassem ainda mais a fim de conseguir lugar ao pé do aquecimento, depois curvou-se para pegar no balde e despejou-o em cima do fogão. Com um silvo, o vapor escaldante subiu até ao teto, e uma mulher sentada ao lado de Agnès protegeu o rosto com as mãos, fazendo um esgar de dor. A desconhecida notou o facto, declarou «gosto do vapor a escaldar!

É a prova de que estamos na sauna!», enfiou-se entre dois corpos nus e começou a falar da emissão televisiva da véspera, onde aparecera um célebre biólogo que acabava de publicar as suas memórias. «Ele era incrível!», disse ela.

Uma outra mulher assentiu: «Era, sim! E tão modesto!»

A desconhecida voltou a intervir: «Modesto? Não percebeu que ele é um homem terrivelmente orgulhoso? Mas o orgulho dele agrada-me! Adoro as pessoas orgulhosas!» e virando-se para Agnès: «Você, por acaso, achou-o modesto?»

Agnès disse que não vira a emissão; como se tal resposta implicasse um desacordo secreto, a desconhecida repetiu com firmeza olhando Agnès nos olhos: «Não suporto a modéstia! Os modestos são hipócritas!»

Agnès encolheu os ombros e a jovem desconhecida prosseguiu: «Numa sauna, é preciso calor! Quero transpirar em gotas grandes. Mas, depois, preciso de um duche frio! Adoro os duches frios! Em casa só tomo duches frios! Não percebo as pessoas que, depois da sauna, tomam duches quentes. Acho os duches quentes uma coisa horrível!»

A jovem não tardou a ficar sem fôlego, pelo que, depois de repetir como detestava a modéstia, se levantou e desapareceu.

Durante a infância, no decurso de um dos passeios que costumava dar com o pai, Agnès perguntara-lhe se acreditava em Deus. Ele respondera: «Acredito no computador do Criador.» A resposta era tão estranha que a criança a fixara. Não era computador a única palavra estranha, criador não o era menos. Porque o pai nunca falava de Deus, mas sempre do Criador, como se quisesse limitar a importância de Deus exclusivamente à sua competência de engenheiro. O computador do Criador: mas como poderia um homem comunicar com um aparelho? Por isso perguntou a seguir ao pai se costumava rezar. Ele respondeu: «É o mesmo que rezar a Edison quando uma lâmpada se funde.»

E Agnès pensa: o Criador pôs no computador uma disquete com um programa pormenorizado, e depois foi-se embora. Que depois de ter criado o mundo Deus o tenha deixado à mercê dos homens

abandonados que, dirigindo-se a ele, deparam com um vazio sem eco, não é uma ideia nova. Mas ser-se abandonado pelo Deus dos nossos antepassados é uma coisa, e ser-se abandonado pelo divino inventor do computador cósmico, outra muito diferente. Em lugar de Deus fica um programa que se cumpre implacavelmente na ausência dele, sem que possamos mudar nada de nada. Programar o computador: isso não quer dizer que o futuro esteja planeado até ao pormenor, nem que «lá em cima» tudo esteja escrito. Por exemplo, o programa não estipulava que em 1815 teria lugar a batalha de Waterloo, nem que os franceses a perderiam, mas apenas que o homem é por natureza agressivo, que a guerra lhe é consubstancial, e que o progresso técnico a tornará cada vez mais atroz. Do ponto de vista do Criador, tudo o mais é irrelevante, simples jogo de variações e permutas num programa geral que nada tem a ver com uma antecipação profética do futuro, mas determina somente os limites das possibilidades; entre estes limites, todo o poder é deixado ao acaso.

O homem é um projeto do qual pode dizer-se a mesma coisa. Nenhuma Agnès, nenhum Paul foi planeado pelo computador; foi-o apenas um protótipo: *o ser humano*, com uma enorme tiragem de exemplares, que são outros tantos derivados do modelo primitivo e não possuem qualquer essência individual. Como a não possui um automóvel saído das oficinas da Renault. A essência do automóvel é necessário procurá-la para lá deste automóvel, nos arquivos do fabricante. Só um número de série distingue um automóvel de outro. Num exemplar humano, o número é o rosto, essa montagem de traços acidental e única. Nem o carácter, nem a alma, nem aquilo a que se chama o *eu* se descortinam na montagem. O rosto limita-se a numerar um exemplar.

Agnès lembrou-se da desconhecida que acabava de proclamar o seu ódio aos duches quentes. Viera fazer saber a todas as mulheres presentes 1) que gostava de transpirar, 2) que adorava os orgulhosos, 3) que desprezava os modestos, 4) que era louca por duches frios, 5) que detestava duches quentes. Em cinco traços desenhara o seu autorretrato, em cinco pontos definira o seu eu e oferecera-o a toda a gente. Não o oferecera modestamente (afinal de contas,

detestava os modestos), mas à maneira de uma militante. Empregava verbos apaixonados, adoro, desprezo, detesto, como que para se afirmar pronta a defender a todo o custo os cinco traços do seu retrato, os cinco pontos da sua definição.

Porquê esta paixão, perguntou-se Agnès, e pensou: uma vez expedidos para o mundo tais como somos, tivemos de começar por nos identificar com esse lance de dados, com esse acidente organizado pelo computador divino: deixarmos de nos espantar por ser precisamente *isto* (esta coisa que nos olha no espelho) o nosso eu. Sem estarmos convencidos de que o nosso rosto exprime o nosso eu, sem essa ilusão primeira e fundamental, não seríamos capazes de continuar a viver ou pelo menos de levar a vida a sério. E não bastava, porém, que nos identificássemos connosco mesmos; era necessária uma identificação *passional*, para a vida e para a morte. Pois só nessa condição é que não surgimos aos nossos próprios olhos como uma simples variante do protótipo humano, mas como seres dotados de uma essência própria e não permutável. Fora por isso que a jovem desconhecida experimentara a necessidade não só de desenhar o seu retrato mas, ao mesmo tempo, de fazer ver a toda a gente que esse retrato encerrava algo inteiramente único e insubstituível, algo por que valia a pena lutar ou até dar a vida.

Depois de ter ficado um quarto de hora no calor da estufa, Agnès levantou-se e mergulhou no tanque de água gelada. A seguir dirigiu-se à sala de repouso e deitou-se no meio das outras mulheres, que também ali não paravam de falar.

Havia uma pergunta que lhe dançava na cabeça: depois da morte, que modo de ser terá programado o computador?

Dois casos são possíveis. Se o computador do Criador tiver por único campo de ação o nosso planeta, e se for dele e só dele que dependermos, só poderemos esperar depois da morte uma variação do que conhecemos durante a vida; depararemos apenas com paisagens parecidas, com criaturas parecidas. Estaremos sós ou no meio de uma multidão? Ah, a solidão é tão pouco provável, era já tão rara em vida, que não será então depois da morte! Os mortos são em número tão superior aos vivos! Na melhor das hipóteses, o ser depois

da morte parecer-se-á com o que Agnès está a viver na sala de repouso: por todo o lado, ouvirá a incessante tagarelice das mulheres. A eternidade como uma tagarelice infinita: para falar verdade, podia imaginar-se coisa pior, mas só a ideia de ter de ouvir para sempre estas vozes de mulher, sem tréguas e para sempre, é para Agnès razão suficiente para se agarrar com desespero à vida e atrasar o mais possível a morte.

Mas apresenta-se também outra eventualidade: acima do computador terrestre, há outros que lhe são hierarquicamente superiores. Neste caso, o ser depois da morte não terá necessariamente de se parecer com o que já vivemos, e o homem poderá morrer com uma esperança vaga mas justificada. E Agnès vê então uma cena que nestes últimos tempos lhe tem ocupado a imaginação: recebe em casa, com Paul, a visita de um desconhecido. Simpático, afável, este senta-se numa poltrona diante deles e começa uma conversa. Paul, seduzido pelo encanto desta visita estranhamente amável, mostra-se jovial, falador, acolhedor e decide ir buscar o álbum onde estão arrumadas, por ordem, as fotografias da família. O desconhecido folheia-o, mas algumas das fotografias deixam-no perplexo. Por exemplo, diante da que representa Agnès e Brigitte diante da torre Eiffel, pergunta: «O que é isto?»

– Não a reconhece? É a Agnès! – responde Paul. – E esta é a nossa filha Brigitte!

– Bem sei – diz o desconhecido –, estava a falar deste edifício. – Paul olha-o com espanto: – Mas é a torre Eiffel!

– Ah, diz a visita, cá está então essa famosa torre! – e fá-lo no tom de um homem a quem tivéssemos mostrado o retrato do nosso avô e que nos declarasse: «É este então o avô de quem tanto ouvi falar! Sinto-me encantado por finalmente ter ocasião de o ver!»

Paul fica desconcertado, Agnès muito menos. Ela sabe quem é este homem. Sabe porque foi que ele veio e que perguntas lhes vai fazer. É precisamente por isso que se sente um pouco nervosa, gostaria de arranjar maneira de ficar a sós com ele, mas não sabe como há de ser.

